

## DANÇA E ACESSIBILIDADE: O APRENDIZADO DE RITMO E TEMPO NOS ANOS INICIAIS COM ALUNOS SURDOS

VICTOR TECHERA SILVEIRA<sup>1</sup>;  
ANDRISA KAMEL ZANELLA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – [victor.techera.silveira@gmail.com](mailto:victor.techera.silveira@gmail.com)*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – [professoraandrisakz@gmail.com](mailto:professoraandrisakz@gmail.com)*

### 1. INTRODUÇÃO

A escrita desse texto faz referência a prática docente do componente curricular de Estágio em Dança I do curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, realizada no primeiro semestre de 2022. Teve como temática o aprendizado de ritmo e tempo na dança para crianças surdas dos anos iniciais, através de “pistas não auditivas” que já tinham sido desenvolvidas no projeto de extensão “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé”<sup>1</sup> e explanadas no meu, já defendido, trabalho de conclusão de curso – TCC.

O estágio foi realizado na Escola Especial Professor Alfredo Dub, localizada na cidade de Pelotas/RS, em uma turma do 3º ano que tinha 6 alunos, 2 meninos surdos e 4 meninas surdas. Começou no dia 01 de abril e finalizou no dia 30 de junho de 2022. Minha inserção no espaço escolar aconteceu duas vezes por semana: terças-feiras no fim da tarde das 16h30min às 17h30min – momento em que aconteciam as reuniões para auxiliar os professores durante o ano letivo e debates de algumas pautas a respeito dos processos burocráticos e pedagógicos da escola; e, quintas-feiras - todo o turno da tarde, começando as 13h30min até 15h30min em que realizava as tarefas do estágio como planejamento de aula, construção de material didático, leitura de textos e qualquer demanda que a escola tivesse durante esse período. Das 15h50min às 17h30min, ministrava as aulas de dança na disciplina de Artes.

O Alfredo Dub é a primeira escola filantrópica bilíngue de Pelotas. É referência no ensino de alunos surdos da região, tendo alunos que fazem viagens intermunicipais para frequentar o ensino fundamental. Ela oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de outros projetos envolvendo movimentações artísticas e esportivas para a comunidade surda.

A prática de Estágio I dentro do Alfredo Dub já era programada, visto que já atuou dentro da escola com o projeto de extensão “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé”, levando dança para crianças e adultos surdos desde 2018.

Refletindo sobre a temática do estágio, ela foi escolhida após ter trabalhado alguns aspectos no ensino de dança para pessoas surdas dentro do projeto de extensão. Resolvi focar em dois elementos bem importantes da dança: ritmo e tempo. Dentro desses anos de atuação no projeto de extensão notei uma dificuldade em perceber como o corpo surdo comprehende essas duas

---

<sup>1</sup> O projeto de extensão oferece desde 2018 aulas de dança para pessoas surdas: I – aulas de técnicas base de balé clássico para crianças surdas; II – aulas de exploração corporal em dança para adultos surdos. Atualmente, o projeto está atuando apenas dentro da Escola Especial Professor Alfredo Dub com aulas de dança para os professores e funcionários, surdos e ouvintes da escola .Página do projeto de extensão: <https://www.facebook.com/BalletSurdo>

características importantes na dança através das “pistas não auditivas”. Diante disso, desenvolvi práticas voltadas à aprendizagem de tempo e ao ritmo para crianças surdas.

Essas práticas foram embasadas na teoria de Lebedeff (2017) que se refere às pistas não auditivas como uma experiência visual dentro da dança para marcar o ritmo e o tempo desenvolvendo a consciência corporal desses aprendizados. Ao utilizar essas pistas não auditivas eu ponho em prática a Pedagogia Visual de Lacerda e Santos (2013) que fala da possibilidade de ensinar através da utilização de recursos visuais como ferramenta metodológica de ensino. Exemplo dessa prática através da pedagogia visual foi quando utilizei o piscar de luzes para trabalhar a atividade “morto vivo”<sup>2</sup>.

## 2. METODOLOGIA

Os processos metodológicos de ensino-aprendizagem que foram utilizados durante a atuação desse Estágio em Dança I vieram embasados da pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso. As pistas não auditivas elencadas no TCC deram a base para ferramentas metodológicas das atividades em sala de aula.

Um bom exemplo seria utilizar piscar de luzes para chamar a atenção numa sala de aula com alunos surdos. No projeto de extensão essa pista não auditiva foi ressignificada e utilizada para designar *start* e pausa de movimentos em atividades de exploração corporal em dança. (SILVEIRA, 2022, p.65)

Com o cronograma de aula definido, e depois de ter escolhido algumas das pistas não auditivas para desenvolver atividades para aprendizagem de ritmo e tempo na dança, construi um roteiro de cinco etapas para as práticas em sala de aula: Parte 1 - prática da Libras com as palavras do universo da dança. Parte 2 – relembrar a atividade da aula anterior. Parte 3 – prática da nova atividade. Parte 4 – prática da composição coreográfica com a Libras como *motif*<sup>3</sup> de criação dos movimentos. Parte 5 – brincadeiras e atividades lúdicas sempre registrando com fotos e vídeos.

Fazendo relação com a utilização de recursos visuais juntamente com as pistas não auditivas para a aprendizagem de tempo e ritmo na dança, embasei a prática em processos lúdicos de experimentação com o corpo, método de aprendizagem que uma criança necessita dentro da escola, pensando em aprender “brincadeiras dançadas” ou “danças brincadas”.

No ato de brincar, os gestos, os objetos e os espaços representam outra coisa diferente daquilo que aparecem ser. Por exemplo, lençóis viram cabanas de índios; as crianças passam a ser jacarés, minhocas, entre outras coisas que a imaginação permitir. Ao brincar, as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando. (ANDRADE; GODOY, 2018, p. 56)

Uma forma de aprendizagem para as crianças, de acordo com Almeida (2017), é a imitação. Processo lúdico e visual que torna a dança mais acessível para as crianças surdas. A imitação está ligada a percepção visual do movimento

<sup>2</sup> Nessa prática os alunos agacham (morto) quando pisca uma vez a luz, e sobem (vivo) quando piscar 2 vezes a luz. Se eles estiverem agachados e a luz piscar uma vez eles têm que permanecer agachados, o movimento de levantar somente acontece quando piscar 2 vezes.

<sup>3</sup> Motif está relacionado ao motivo de inspiração da composição.



do outro, a criança copia o movimento do colega ou do professor. A atividade “espelho humano” desenvolve essa prática, quando um dos alunos se movimenta e o outro copia o seu movimento como se fosse um espelho, trabalhando elementos da dança como os níveis, equilíbrio e exploração do espaço.

Para além das atividades citadas acima, uma prática em específico gerou um aprendizado de tempo e ritmo nos alunos mais efetivo, as atividades “Associando Ritmo (acelerado/normal/desacelerado) ao Movimento” e “Tempo nos Números / Ritmo nas Mãoas”.

Para a primeira atividade se define um movimento para cada cor: Vermelho: 1 palma / Verde: 1 Mão fechada / Azul: 1 Cotovelo / Amarelo: Bate Palma / Rosa: Quase bate na mesa com a palma de lado / Branco: não faz nada.

Feito isso, os cards coloridos são colocados em uma ordem da escolha do professor e assim os alunos vão realizando os movimentos conforme o professor aponta para cada card. Na hora de apontar para os cards coloridos o professor varia na velocidade com que ele muda de um card para o outro. Por fim se aumenta o número de cards coloridos em cada fileira, assim os movimentos se repetem e o número de vezes que se faz o movimento é baseado na quantidade de cards.

Na segunda atividade tinham os mesmos cards coloridos, numerados até o 8, para que os alunos entendam que a contagem de tempo na dança geralmente vai de 1 a 8. Depois se aplica o mesmo processo da atividade “Associando Ritmo ao Movimento” com a diferença que os alunos ao invés de realizar o movimento vão realizar o sinal em Libras do nº1, nº2, nº3 e assim sucessivamente. Na próxima etapa o professor vai marcar o ritmo com a mão (movimentando de cima para baixo), acelerando ou desacelerando e assim mostrando aos alunos o ritmo da execução dos sinais dos números. O aluno executa o sinal dos números em Libras marcando o tempo e seguindo o comando de rítmica das mãos do professor.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final do estágio os alunos da turma já assimilavam os processos de ritmo e tempo. Com esse desenvolvimento criou-se uma composição coreográfica para pôr em prática o que foi aprendido. Utilizou-se os sinais da dança trabalhados em aula para criar movimentações nas células coreográficas, variando a dinâmica de execução dos movimentos, tendo assim a Libras como *motif* de criação.

Essa composição ressalta o quanto importante é desenvolver processos metodológicos de ensino-aprendizagem para o público surdo utilizando recursos visuais. Os cards das atividades citadas acima auxiliaram os alunos a entenderem a quantidade de vezes que tinham que executar o movimento, trabalhando a repetição; a contagem deles em datilologia dos números proporcionou um entendimento de tempo na dança; e a minha mão marcando o ritmo dos movimentos, mostrava a velocidade em que eles tinham que ser executados. Cada uma dessas ações tem uma perspectiva visual de ensino. Utilizei a Pedagogia Visual de Lacerda e Santos (2013) fazendo conexão com o aprendizado das pistas não auditivas trazidas por Lebedeff (2017).

### 4. CONCLUSÕES

Concluo a minha escrita falando sobre a importância de alunos da licenciatura trabalharem com inclusão em suas áreas de atuação. Ter adentrado ao universo da inclusão e acessibilidade para o público surdo me fez aprender uma nova língua e entender uma gama de conhecimentos sobre a comunidade surda e a surdez.



Para os profissionais que optarem por trabalhar com a comunidade surda trago um relato de uma aluna surda do projeto de extensão:

Porque ele sabe Libras. Alguma palavra que não tinha sinal ele explicava o significado e assim a prática continuava. Como ele sabia o significado da palavra ele só explicava e assim a prática se desenvolvia. (EXPRESSA EXTENSÃO, 2020, p. 286)

Percebe-se a relevância que ela explana sobre o professor ouvinte saber a sua língua. Para além da importância do ser docente que qualquer estágio nos proporciona, vejo também a relevância desse Estágio em Dança I ter sido para o público surdo infantil. Não é de fácil acesso processos de ensino de dança para o público surdo, percebi isso ao atuar no projeto “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé”, começar o ensino na dança na educação infantil auxilia para que a criança surda se torne um adulto com mais facilidade de assimilar processos de ensinos na dança.

Vivenciando o mundo de uma forma visual o sujeito surdo precisa de recursos que não utilizem a audição para experiências novas possibilidades em qualquer área. Aprender o tempo e o ritmo na dança acontece da mesma forma, a criança surda precisa de pistas não auditivas para marcar o tempo e entender a pulsação do ritmo dentro das atividades e coreografias de dança.

Alavancado por essa vivência do Estágio em Dança I, pretendo seguir pesquisando e estudando para entender a melhor maneira de ensinar dança para pessoas surdas trabalhando autonomia do indivíduo surdo.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernanda de Souza. Siga o Mestre: Reflexões sobre dança, imitação e educação infantil. **Revista Contemporânea de Educação**. São Paulo 2017, vol. 12, n. 25, pag. 504-520.

ANDRADE, C. R.; GODOY, K. M. A. **Dança com crianças**: propostas de ensino e possibilidades. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos. (org.) **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. EDUFSCAR: São Carlos, 2013.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Surdez como diferença cultural. In: LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. **Língua de Sinais e Cultura Surda: Qual o Seu Lugar na Escola?** Ed. UPF, 2017, p. 9-24.

PEREIRA, K. A.; SILVEIRA, V. T. Vivências surdas: práticas artísticas. Expressa Extensão, Pelotas-RS, v. 25, n. 3, p. 283-288, 2020.

SILVEIRA, Victor Techera. **Dança com surdos: reflexões sobre experiências sensíveis no projeto de extensão “A Comunidade surda Reinventando a Arte do Balé”**. 2022. 11 f. Monografia (Graduação em Dança Licenciatura) – Faculdade de Dança Licenciatura – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2022.